

A Prisão

Duas pessoas andavam uma de cada lado do preso. Vestiam-se iguais, jaleco cinza, cabelo cortado curto, sapato de couro com biqueira metálica interna e proteção acolchoada no peito do pé. A única diferença, um relógio. A da direita ia com uma prancheta presa pela mão no braço que balançava ao lado do corpo, movimento tranquilo de quem faz e torna a fazer. O da esquerda esperou que entrassem no elevador e depois foi a sua vez. Eram cinco e vinte e três.

Desceram três andares com uma espera que não era paciência, mas método. O preso olhava desconfiado. Não sabia aonde ia. Nunca tinha entrado numa prisão, muito menos daquele tipo. Tecnologia de ponta, desenvolvimento ilhéu. Manetech, ia bordado no bolso do peito.

Mantinha-se ereto, imitando xs técnicxs, ao mesmo tempo que tentava identificar algum movimento pelo reflexo do aço escovado do elevador. Essa é uma das vantagens da ciência: precisão. Eretos e inertes, tudo vinha escrito no Manual de Instruções.

Quem trabalha com segurança sabe o que significa redundância. Grau dois. O mínimo. Uma de cada lado. Sai a de relógio primeiro, em seguida o novo “usuário”. Por fim, a redundância. Erro humano não é permitido. Sempre revisar os procedimentos, nunca negligenciar as etapas. Falha zero se consegue com um dispêndio necessário e equivalente, jeitinho jamais. O preso tentava andar sem tilintar as correntes.

Pelo amplo espaço sem paredes, algumas colunas com listras amarelas seguravam o pavimento. Aqui e ali, macas especiais estavam espalhadas em ordem pouco provável. O cheiro era de cloro, com um pouco de merda e mofo. Ouvia-se em algum lugar o sistema de ventilação. Ressonância. Era isso que fazia com que a hélice desbalanceada forçando o eixo contra o mancal rolamentado viesse a vibrar o duto chapeado e ressoar monotonamente pelo salão. Provavelmente por todo o edifício. Ressonância não estava no Manual, mas era o que cabia no orçamento do Estado.

- Tu sabe por que tá aqui?
- Fiz o que precisava.
- Contrabando de camarão transgênico.

A outra que está com a prancheta encostada na parede emenda:

- Muito bom. Gostei.

O preso sorri, lisonjeado.

- Sabe a tua pena?
- Trinta e cinco anos de cadeia.
- Cadeia não. Prisão de Imaginação Forçada.
- Tá, qual diferença se eu vou ter que ficar trancado aqui?

A da prancheta:

- Quanto tavas fazendo o quilo do camarão pistola, o graúdo?
- Com ou sem cabeça?
- Sem.
- Vinte e sete.
- Òrras!

Enquanto isso, o técnico do relógio tirou as algemas da mão e dos pés. O preso fez um gesto com a cabeça para a outra, atestando a qualidade e confirmando o bom negócio.

- Cinco e quarenta e um. Anota aê.

A outra desencostou, pegou a caneta do bolso e marcou.

- Tu vai ser amarrado nessa maca e vais ficá de boa por um tempo. A gente vai te cobri de eletrodo e botar uns canos pra tu não precisar mais comer ou limpar a bunda.
- Isso mais parece uma cadeira de beira de piscina. É só tirar a roupa e deitar?
- Aham. Cadê o remédio do cara? Pra ele dormir.

Folheia os papéis da prancheta.

- Tá anotado aqui que veio. Mas foi o comprimido. A seringa acabou faz duas semanas. E

começa a procurar.

- Mas o que que eu vou fazer aqui?
- Tu vai ficar que nem xs outrxs, deitadinho.
- Só isso?
- É. Parado assim a gente não precisa cuidar de ninguém. A comida vem por um cano, a merda sai pelo outro. Três vezes por dia vocês tudo são exercitados com eletrochoque. Meia hora sacudindo de leve. Depois de uma semana tem banho automático, tipo privada de japonês.
- A gente nem aperta botão nenhum. Todo sábado às nove em ponto começa a chover aqui, shhhh.
- Água salgada pra matar os fungos e depois uma chuva de cloro pra desinfetar o ambiente. Vê como tá todo mundo limpinho?
- Hum.

Com os punhos, pernas e pescoço amarrados por grossas fitas, o preso olha o teto e verifica que, entre vários fios, realmente há um conjunto de chuveiros em cima de si. Conta, mede visualmente o espaçamento e nota que além da redundância espacial, o sistema de banho também possui um excesso de área de ação. Toma o remédio com ajuda do técnico.

- E não dá curto nos eletrodos com a água salgada?
- É água do mar, aí da baía sul. Até hoje não deu nada.

O Manual é categórico: água tratada potável em solução de três por cento de nitrato de alumínio, quinze por cento de hidróxido de magnésio, cinco por cento de cloreto de prata. Ação fungicida, antimicrobiana, sem odores e inerte com relação à membrana celular do epitélio.

- Não parece tão ruim...
- Tu quer saber o que tu vai fazer, né? Por que vir pra cá e não pra penitenciária comum?
- Porque tu é esperto. O que tu fez te botou aqui. Tu vai revolver um problema matemático complicado, junto com essas outras pessoas aí, ó.
- Isso aqui não é uma cadeia pra ficar enxugando gelo. Pode deixar que tu vai ficar ocupadinho o tempo todo.

O olhar do preso já estava pesado. Provavelmente não conseguiu ouvir este último consolo. O técnico do relógio anunciou a hora. A outra marcou.

Espalhados pelo chão havia diversos canos flexíveis e fios, assim como pendiam do teto outros tantos. O técnico começou a grudar os eletrodos pelo corpo nu do preso. Quatro em cada braço, quatro em cada perna, seis simétricos pelo tronco, quatro pela face e pescoço. Na parte superior da cabeça, uma coroa com formato de estator de gerador trifásico foi encaixada até a altura das sobrelhas. Dezenas de fios coloridos saíam dos terminais e subiam até o teto.

Em seguida foi a vez dos tubos. Um cano sanfonado amarelo, daqueles usados na construção civil, foi introduzido boca a dentro, até um comprimento de quinze centímetros. Um tubo azul, de espessura semelhante, vinha dos pés e foi encaixado diretamente no pênis. Para garantir, o técnico passou uma fita crepe na borda do acoplamento. Por fim, um tubo preto foi recolhido também da área dos pés e testado. Primeiramente tentou-se ouvir alguma coisa. Um ruído suave preenchia o cano. Ssss. Depois o técnico tapou a entrada com a palma da mão e esperou. Contou até dez. Ao tirar, observou a marca.

- Está ótimo. A pressão deve ser baixa, como manda o Manual.

Lambuzou a ponta do tubo com vaselina industrial e começou a enfiar entre as nádegas do preso. A um comprimento de dez centímetros, parou o movimento e levantou-se.

- Tudo certo?
- Acho que não falta nada.

E encaminharam-se para o elevador.

- Como tu acha que esse cara ganhou tanto dinheiro?

- Não foi com camarão?
- Cara, ele pegou trinta e cinco anos para resolver equações diferenciais de quarta ordem!
- Hum. E o preço tava muito baixo mesmo.
- Pois é. Ele usou uma sexta dimensão para construir todo o laboratório e o criadouro daquelas porcarias. A polícia suspeita que foram três anos de preparação, desde hackear a segurança do acesso ao terminal dos Tesseractos privados até começar a vender no Mercado Público.
- Da Manetech?
- Exatamente. O pessoal do Tecnópolis é o maior cérebro que existe. Até não entendo como é que não usaram esse treco das dimensões para exilar de uma vez todos os delinquentes da ilha, ou sei lá, do mundo.
- Talvez ainda não dê pra ficar muito tempo lá dentro.

A porta do elevador se abriu e xs técnicxs entraram num corredor comprido. A iluminação era fraca e oscilante. Sem diminuir o passo, abriram uma porta específica onde estava escrito “Sala de Controle”, além do logo da empresa de tecnologia e da prefeitura. A sala era pequena e a única luz do teto iluminou claramente o espaço mostrando uma mesa, dois monitores um ao lado do outro, um teclado e duas cadeiras. Um livro muito grosso de páginas finíssimas onde se lia MANUAL estava no canto da mesa, em posição solene e solitária.

O técnico do relógio apertou uma tecla qualquer e os monitores acenderam.

- Devia ter um software que cuidasse dos presos, que ajustasse tudo sozinho. Passar o dia inteiro aqui esperando que dê alguma merda é coisa de imbecil.
- Cara, a gente só faz alguma coisa quando o computador manda. Cadê o teu radinho?
- Acabou a pilha.

Sentaram-se ao mesmo tempo. Enquanto uma folheava a prancheta com enfado, o outro buscava no Manual algum comando. Após uns segundos, digitou meia dúzia de letras e um novo terminal apareceu, pedindo o nome dx novx usuárix.

- Diz aí.
- Bernardo Justino. Trinta anos. Um metro e oitenta e cinco. Setenta e quatro quilos. PH médio seis vírgula noventa e dois. Consumo ideal de proteínas, deixa eu ver aqui na tabela: cento e três gramas. Carboidratos: setecentos e quarenta gramas. Água...

E assim continuaram preenchendo a nova ficha.

Passados alguns minutos, um aviso apareceu na tela: Tem certeza que deseja rodar o Programa de Imaginação Forçada?

Trocaram olhares. Fitaram a prancheta, depois demoradamente o Manual.

- Taca ficha!

Bernardo caminhava por uma calçada arborizada. Estava vestido como um estudante de Direito e carregava a tiracolo uma bolsa preta de couro. Ia com os olhos vidrados no chão, totalmente imerso em pensamentos. Na verdade, não conseguia focar as ideias em nada. Apenas caminhava como uma mula que sabe o caminho de volta para casa e não perde tempo.

Entrou na biblioteca, esquivando-se das pessoas, até encontrar uma mesa vazia e solitária. O seu lugar. Sentou sem fazer barulho com a cadeira e colocou a bolsa no chão. Buscou uma caneta e um maço de papéis. As folhas em branco foram posicionadas no centro dos diversos livros que estão na mesa. Recostou-se e, por um momento, relaxou, com as mãos apoiadas nas coxas.

Aos poucos, sentado e inerte, um desconforto toma conta de si. Olhou apreensivo em volta como se faltasse alguma coisa. Ou como se, de repente, soubesse que alguém lhe acertaria uma bolinha de papel. Avaliou todo o perímetro da biblioteca minuciosamente e em seguida passou a procurar por algo que não sabia o que era. Vasculhou a mesa abarrotada e depois a bolsa.

Desistiu com um suspiro mole. Envergonhou-se sobre a mesa e dormiu.

Bernardo caminhava por uma calçada arborizada. Estava vestido como um estudante de Direito e carregava a tiracolo uma bolsa preta de couro. Ia com os olhos vidrados no chão, porém, de repente, parou e olhou para o céu. Notou confuso que não era azul, muito menos havia nuvens ou sol. No horizonte, uma faixa borrada delimitava o cenário, separando a textura chapada de cima das montanhas e prédios pixelados que estavam abaixo. Apenas os objetos próximos apresentavam uma resolução de alta definição.

Voltou a andar desconfiado. Parou em frente à biblioteca e olhou os caminhos que poderia seguir: voltar para o ponto de ônibus, seguir a rua em que estava, dobrar uma esquina à direita. Seu olhar fixou-se nessa esquina e durante vários segundos ficou parado. Seus olhos começaram a piscar enquanto suor escorria pela testa. De repente, o céu tremeu mudando de cor e Bernardo desfaleceu.

A mesa habitual de Bernardo está abarrotada de livros: teoria de conjuntos, transferência de calor e massa, sistemas integrados de transporte de partículas, gestão municipal, controle de demanda, direito sindical, fluxo rodoviário, orçamento para saúde e prevenção de acidentes, teoria política aplicada, semiótica, e vários outros. À sua frente, as folhas brancas estão cheias de rabiscos e equações. Não há ordem alguma no seu trabalho.

Neste momento, ele está virado para o salão da biblioteca e pensa. Sente o calor molhar a camisa, limpa uma gota que escorre para o olho esquerdo. Está com a caneta na boca, mordendo-a ansioso. Magicamente as folhas continuavam sendo preenchidas, número atrás de número, fórmula em seguida de fórmula.

Num átimo, mantendo a caneta onde estava, vasculhou as pilhas de livros até encontrar aquele que buscava. Folheou-o rapidamente. Não havia texto, eram linhas e mais linhas de integrais, derivadas, letras gregas, limites e algoritmos. Cada livro continha um complicado modelo matemático para o problema descrito no título. Bernardo definia as funções, compilava os procedimentos e debugava o código dia após dia. Haviam posto na sua mão o problema mais terrível da existência humana contemporânea: o trânsito urbano.

Lançou para o lado a folha que estava terminando de ser preenchida sozinha, pegou uma nova e passou a escrever símbolos numa velocidade sobrenatural. Antes de preencher a página, concluiu a escrita satisfeito e pousou-a ao lado, deixando-se descansar.

Ele não estava só. Tinha visto outras pessoas na prisão naquele último dia em que lembrava ter se despido. Podia identificá-las espalhadas pela biblioteca, cada uma com sua pilha de modelos matemáticos em volta, sempre vestidas do mesmo jeito, sempre ocupadas e ativas.

Concluiu que trabalhavam em conjunto. Toda vez que um livro era alterado, o Controle Unificado de Versões “imprimia” instantaneamente o novo número na capa. Todo livro continha um índice para acesso rápido dos códigos passados. Bernardo descobriu que a primeira versão de vários livros datava de menos de três anos. O projeto era novo, o que significava que ainda devia conter diversas falhas.

- Que tais fazendo?
- Tô aumentando a quantidade de açúcar daquele preso, o por último, o do camarão.
- Pra quê?
- O cara tá muito devagar. Na verdade, toda vez que ele chega na linha setecentos e vinte e oito do PIF parece que o servidor inteiro fica mais lento.
- Que linha é essa? Cadê o Manual?
- Aqui, ó. Tá comentado o seguinte: *%Módulo de processamento de modelos avançados%*
- É a biblioteca. Ele não quer entrar lá. Lembra que outro dia já deu uns piripaque?
- Enviei o relatório de falha pra equipe da Manetech. Até agora não responderam.
- Pois é...

Pegou o pacote de açúcar da outra e pôs umas colherinhas para adoçar o seu café. Em

seguida, bebeu-o com grande prazer, terminando o gole com um Ahhh!

- Será que não tem que aumentar a quantidade de oxigênio também?
- Pode ser.
- É, na transformação de glicose em ATP vai precisar aumentar a quantidade de ó-dois na proporção de seis vezes pra um em relação à de açúcar. É em peso molar, viu?
- Isso tá no Manual?
- Tá. Também diz que o coração vai acelerar em cinco por cento o batimento médio diário, assim como a atividade pulmonar em dezenove por cento. O cara vai esquentar e transpirar muito mais e a gente vai precisar mexer naquele ventilador de merda.

Ficaram um momento em silêncio, olhando para os monitores. Ao fundo ouvia-se o som da ressonância viajando pelas tubulações da prisão.

- Essa colher do teu café comporta aproximadamente sete gramas. Quanto isso dá em rotação do ventilador?
- Puts grila! A gente não mexeu nisso desde que o do camarão, chegou. Merda! Deve tá foda lá embaixo.
- Eles tão no subsolo. Termodinamicamente o reservatório frio está sempre com a temperatura constante, independente do sistema que se adote. Se tiver quente, não vai ser muita coisa.
- Tá, mas se tu for lá colocar umas colheradas desse açúcar no mingau do camarão, vai ter que aumentar a rotação do ventilador. O número de Nusselt não vai mudar se não mexer no Grashof!
- Tudo bem! Dou uma aumentada no escoamento geral incrementando o Reynolds, e todo o resto vai de arrasto.

A outra puxa o teclado para o seu lado e aperta meia dúzia de teclas.

- É três vírgula oito por cento para o novo preso, mais zero vírgula sessenta e seis para cada colherada de açúcar.
- O quê?
- A porra do ventilador!
- Tá bom, ô excomungada. Já entendi. Não queres preparar uma palhinha pra nós relaxar depois? Ainda tem um tanto do meu tick alimentação.

E sai da sala com o copinho de café.

A outra abre uma gaveta da mesa e pega um potinho redondo de metal. Na tampa está escrito: *Cannabis do Ribeirão. Orgânica e sustentável*. Esmurruga um grama no dichavador-chaveiro da Manetech e procura uma palha sintética com aroma idêntico ao natural de milho.

- Era só o que faltava!

Resignada, pega o Manual e arranca a última página. Nota-se que não é a primeira vez.

Termina o cigarro, pousa-o no canto da mesa, esperando o outro, quando nota a prancheta esquecida.

- Ó a prancheta, lazarento! Depois mais baixo:
- Tsc, procedimento a minha orelha. Dá tudo na mesma. Não é pra isso que serve a redundância?

Entrou no elevador e bebeu seu cafezinho. Hum, aah!

Apoiou o copo no pousamão metálico para poder colocar os fones de ouvido. Ligou o toca música e começou a balançar a cabeça num dado ritmo. A porta se abre, o técnico avança. As luzes do salão vão acendendo à medida que ele caminha pelo espaço vazio.

Ao fundo, perto de uma das paredes, os corpos deitados parecem estar pendurados pelo emaranhado de fios que pendem do teto. Caminha com gingado em frente às macas observando xs usuárixs.

- Tudo ceerto? Certo.
- Hum, como é que tá essa frieira? Porra, isso não sarou ainda, cara?!
- Uhum. Um pouco pálida, mas tu parece saudável.

Até chegar no camarão. Caminha com os dedos sobre a perna estática como se estivesse dançando. Sobe pela coxa, dá uma palmadinha no umbigo suado. Seca a mão no jaleco. De repente para e desencaixa o fone da orelha.

- Olha só. Tá muito feio isso aqui.

A pele em volta dos eletrodos está arroxeadada. O técnico descola uma daquelas rodelinha de borracha e desaprova o que vê.

- Cacilda, bróder. Tu também não gosta de exercício, hein? Tá parecendo as perebas que dava nos camarão de Laguna. Uns pintadinho assim, só que invertido, branquinho.

Quando lambe o eletrodo para colocar de volta, toma um choque.

- Aah! Putchá la merda.

E recoloca-o no mesmo lugar. Agacha-se ao lado da cabeça de Bernado e fala em voz baixa, ajeitando os cabelos enebados do preso entre os fios da coroa-estator:

- Tens que resolver a charada, campeão. Já tais aqui há um ano e tudo que rolou foi teres caminhado pela mesma trilha dos outros. A Manetech aposta em ti justamente por teres quebrado a segurança deles.
- E sabe que até agora eles nem descobriram como tu fez?

Senta-se, encostando na maca. Bebe o último gole do copinho de café, que é esquecido pelo chão. Os únicos sons do lugar são o batimento do ventilador, a respiração do preso, o chiado da música saindo dos fones pendurados.

- Pois legalmente tens a vida toda pra mexer com essas fórmulas tudo. Mas os tubarões querem resultado. Se o PIF não der em nada, vai ser um desastre pra eles. Ainda mais que desmilinguisse a confiança da outra pesquisa, a das dimensões do Tesseract, que era coisa fina, de primeiro mundo. Resolvia tudo assim ó. Quem sabe até esse teu problema.
- É como uma dívida, tais ligado? Uma dívida tua com a empresa. Na verdade, com a cidade. Se a gente perde o Tecnópolis, vamos fazer o quê? Vender tainha pro resto da vida?
- Então..., eu também tenho interesse que tu dê um jeito nesse pepino do trânsito. Na real, todo mundo vai ficar muito feliz! Tu não acha? Só que uns vão ganhar milhões com isso. E eu sei que alguma coisinha vai respingar pra mim.
- Tu consegue segurar o tranco, né? Proteína de soja isolada, um meladinho de Rancho Queimado e aquela pitadinha a mais de sal, que senão as sinapses ficam empacadas. Sódio e potássio: isso não dá para esquecer.

Se levanta.

- Ah, e pode deixar que vamos mexer na temperatura também. O cheiro do teu suvaco tá impregnando em tudo!

Na volta, ao lado da porta do elevador, o técnico mexe no controle do ventilador. Muda do modo “específico” para o “geral” e, em seguida, simplesmente eleva a potência do nível 2 para o nível 4.

- Tem que sempre levar em conta um certo coeficiente de segurança.

Sorri satisfeito e sai.

A Sala de Controle está tomada de fumaça. Xs técnicxs fumam olhando para o teto, acompanhando tranquilamente os caminhos tortuosos do fluido nebuloso contra a luz. O ruído do batimento do rotor do ventilador está mais alto. De repente, uma luz vermelha começa a piscar no monitor da direita.

- Ói-ó-í-ó!
- Hum... Onde tá o Manual?

@@<**p ǝ. |a~j+T4N Nk#`#3#i6p
V
QnW+&@GJ#
]#Q#DQo#Sh(n*t\$S#cl\$#z4w
_LX\|rvX

*{f1 畷
#U@D|Rz&:##Wnl#uF&
}9u1fk aZK#IYudj;M2#t}@g'l##!R~

- Puta merda! O que tá acontecendo?
- Por que que essa fumaça não vai embora? E abana com a mão o monitor para conseguir enxergar melhor o que os avisos automáticos dizem.

{:s7%A#G#4#Mρ^#j u3-GI#~aΩ?!\c!
#K\$#<J ㅍ s#zG*mH#Zq#niHq\vg#?Jc#a,vD X
ك}ρ# # U@=E.c]#TP²0Ée#f#H#H'sr
1K#B9/rHELj#eGx2J*#@?#}#e#v#17##14 讎
,#j&,###Ls~#\#2#>#p{6pK###Kp#>OeQ
#L#7

|/nW o#q s khH#π# #aWa"#y#9aG"UA{!
8<[q7]4',8Y#<#yZURx#z[s
~"s\ [-#_#bp#cQD##x
/%WD R'kj 歲 #3#tA#01A
A0 1#A nn5##I2~#V#17#S(x#xΔ"##
E1G[1q;n#^#:#/3W]

```
root ~ $ ^C  
root ~ $ ^C  
# "# #p [= ? M  
Lc t E t
```

O técnico puxa outro teclado da gaveta e ambos começam a interagir com a Unidade de Processamento Central.

- Onde tá o camarão?
- Cadê o Manual?
- Mas que fumaceira. O ventilador tá mais fraco aqui ou é impressão minha?
- Péra. E digita freneticamente vários comandos. Tô mandando o computador traduzir a parada. De que adianta um modo *verbose* desse jeito, buceta! ENTER ←

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Nulla eros leo, auctor nec tortor vel, scelerisque posuere magna. Quisque in tempor sapien. Ut ac ullamcorper dolor. Curabitur sodales augue sapien, nec gravida sapien condimentum in. Cras dapibus scelerisque nibh, vel dapibus elit viverra egestas. In neque diam, malesuada eget elementum nec, feugiat at metus. Vivamus porta lectus turpis, et varius ipsum scelerisque ut. Donec purus felis, pellentesque id massa convallis, accumsan ullamcorper ipsum. Duis ultricies in felis non mollis. Maecenas feugiat nulla sit amet ante dapibus, et euismod lectus fringilla. Etiam quam sem, blandit non turpis ac, sagittis faucibus ante. Nullam tristique dictum magna. Aliquam at consectetur sapien, ut scelerisque ligula.

- Isso é latim?! Porra, esse camarão é muito cabuloso! Manda isso direto pro tradutor do Scroogle! O cara tá falando em itálico também??

```
root ~ $ cat PIF -vv | translate.scroogle.org/%LT_PT  
- Avisa a Manetech. Manda diretamente um pedido de assistência remota via terminal. O arquivo de log já tá com trinta e oito gigas. Vai demorar horas pra traduzir na web com essa internet de 1 Gbps.  
- O batimento cardíaco tá indo para 208! Cadê o Manual, porra?
```

O técnico encontra o enorme livro embaixo dos pés da sua cadeira, que estava sendo usado para mantê-la inclinada confortavelmente. Busca desesperadamente na seção *Condições Normais*

de Atividade Corporal.

- Tá aqui a fórmula. Se ele tivesse subindo escadas há uma hora deveria estar em 187. Será que finalmente ele tá conseguindo?!
- Aqui, aqui! Olha. O monitor do sistema afirma que o cérebro do camarão atingiu 76% da capacidade humana de processamento. E adivinha com quê?
- Que adivinha o quê, porra. Ele tá resolvendo o problema do trânsito??
- Nada.

V L" a1 9 ct , a
S # # ; ! # F 6 # S ') x # # # q & 7 Z
j # G # : K 7 : & a ? + % _ (c ! V Cras lacinia sapien vel elit porttitor, ac
rutrum elit condimentum. Praesent lacinia, nisi non pellentesque venenatis, mi ligula scelerisque
metus, vitae feugiat massa fdiam gravida, pellentesque ultricies dui. Maecenas venenatis mattis leo
vitae varius. - # # #"
Y U # : 6 a # # m Ok 2 # # f # A. & # + n ' ~
Ca s 2 B elis sed sem. Sed congue velit nisl, in dignissim orci lacinia ut. Vestibulum
lectus metus, placerat nec R D Z 2 h 4 8 y z p

L z T ! " [" # # Z R M # # 6 # 3 4 # # Y ^ } & ^ e j
M A y l 5 F j / x O # K \ I) y P / * @ # ? < # Maecenas et magna hendrerit,
eleifend nulla sed, suscipit arcu. Proin varius pharetra lorem ut mattis. Nullam luctus lorem dui, ut
tristique massa laoreet non. Vivamus semper, justo eget consequat rutrum, orci turpis convallis
mauris, ut auctor
h r } d # @ u ' 1 : * F 5 # # a 3 ~ e r t
F c O ^ # Û | = R

FO * x n U 琨 h Z | y t Z \$ Morbi non sapien at odio
placerat commodo. Etiam bibendum nisl arcu, euismod ullamcorper massa scelerisque et. mi tellus
sed quam # % # O V S P K # < ~ j cz \ C 3 h ^ C ! U i

- Como assim nada?
 - Enquanto a gente piscava um olho, o Camarão fez uma atualização no seu próprio *firmware*. Aqui tá o código que ele escreveu.
 - Puts, e isso que a gente tava totalmente ligada.
- Em 2,8 segundos, xs técnicos leram o novo *firmware*. Ele continha cinco linhas.
- Não! Ele vai aumentar a entropia do sistema infinitamente gerando dados aleatórios com essa porra de *lorem ipsum*. Isso vai sobrecarregar o *cluster* inteiro. Se a gente ficar esperando pela Manetech, todxs xs presxs vão morrer de hiperatividade sináptica.
 - Pensa, pensa!!
 - Primeiro, aumenta a vazão volumétrica de ar diretamente no tubo da traqueia.
 - Não é melhor aumentar a razão de oxigênio da mistura de ar como um todo?
 - O gás carbônico também tem que sair, ô cabeça de bagre.
 - Feito.
 - Vamos manter a nutrição elevada. Cara, isso vai avacalhar completamente com o escoamento bifásico do tubo de entrada.
 - Foda-se. Feito. A temperatura interna está em 38 graus. A da superfície em 17. Virgemaria, ele tá perdendo exatamente 4095 watts pela pele. O cara virou um calefator!
- O ruído dos dedos nos teclados já se sobrepunha ao batimento do ventilador.
- Eu vou lá! A gente tem que acordar o Camarão, senão o pesadelo dele vai cair sobre a gente.
 - Tá louco?! Se a gente não consegue interromper o PIF aqui de cima, o que tu acha que pode fazer lá embaixo?
- O técnico tira do bolso um canivete.
- Esse palhaço acha que pode foder com a gente também, né? Eu não vim lá do Rio Vermelho até aqui pra perder esse emprego.

Com a outra mão, gira em cima da mesa o Manual aberto, empurra-o para a técnica e aponta a *Nota 2903*. E sai correndo da sala.

- “Em casos extremos de falha na Unidade de Processamento Central, é possível resetar de maneira física um ou mais sistemas do *cluster* através do desvio absoluto (ou suficiente) da atenção corporal. O cérebro deve perder momentaneamente sua capacidade processual (o lapso exato depende de cada tipo de pane). O meio mais recomendado é através da dor neuropática. Consultar Tabela 835 para os principais nervos e seus coeficientes de resetamento.” Devia é ter levado um martelo!

Avançou rapidamente pelo longo corredor e, sem hesitar, em frente ao elevador, tomou as escadas.

A situação claramente era o que havia de mais improvável em todo o mundo cibernético. O Manual atribuía a situações "graves" uma probabilidade de 0,0253%. Porém, não estava explícito quais condições geravam tal número, muito menos os modelos matemáticos que faziam essa previsão. Como todo acontecimento engenhoso, a experiência e o palpite de quem usa o Manual vale tanto quanto as próprias informações contidas neste. Tira-se daí a relevância da ação dos técnicos. O tempo era curto e era preciso agir.

O método é filho da lógica. Isso implica que o Manual, filho do método, é a terceira geração na cadeia do conhecimento racional. Neste nível, tudo está engessado e preciso, está feito para funcionar. Eis a importância do Manual: ele monta uma situação, reconhece um problema e oferece a solução correta. Porém, as decisões mais importantes são tomadas por pessoas. O computador apenas realiza ações de baixa intensidade ética, contas, iterações, reconhecimento de padrões. Um técnico, tendo sempre que voltar para o seu método e para a sua lógica, reavalia a todo tempo e a cada vez qualquer situação, inclusive aquelas que não estão previstas no enorme livro. E voltar para o método implica trazer para a equação a experiência de quem irá decidir. Assim como voltar para a lógica, a inteligência individual.

Somado tudo, a prova real mostra que o grande desvio previsto neste processo que envolve uma pessoa decidindo, baseada num manual, somente pode ser atribuído ou à criatividade ou ao erro. Uma mudança na lógica ou no método, ou, mais comumente, nos dois, aumenta significativamente a imprevisibilidade do resultado, assim como gera, desnecessariamente, uma enorme quantidade de responsabilidade pessoal.

Tem um ditado que diz: se não sabe o que fazer, não faça nada. Esta é a forma mais picareta para tentar se convencer de que a abstenção é a melhor forma para não se implicar. O técnico já havia tido a ideia, agora era tarde. E essa era aflição interior em que ele estava quando atingiu o subsolo.

As luzes do grande espaço, que mais parecia uma garagem, iam acendendo à medida que avançava. De imediato, o frio tremendo franziu-lhe a testa. Cada passo estava carregado de determinação e raiva. “Vai ser como sangrar um porco”, pensava com toda a sua falta de experiência sobre a facilidade da tarefa e cometendo talvez a maior gafe da sua vida vegetariana.

Porém, sim, ia com toda a frieza de um assassino. O vapor que saía visível de sua boca mostrava a respiração acelerada. Contra as luzes fluorescentes do teto, aquela massa que atravessava o espaço com um único propósito e soltando fumaça era sem dúvida uma máquina, com toda a obstinação que podemos lhe atribuir.

E ali estava o corpo, totalmente inerte como esperava. A transpiração cutânea intensa dava um aspecto fantasmagórico para o preso, formando uma aura esbranquiçada por toda a sua superfície. As manchas arredondadas e escuras em volta dos eletrodos estavam agora ainda maiores. O técnico já havia notado nos outros usuárixs: a falta de sol realmente deixa as pessoas com um aspecto meio azedo. O problema era a verba, não foi possível instalar lâmpadas solares. Em contraste com a palidez da pele, as pontas dos dedos, os lábios e as orelhas apresentavam um roxo

quase artificial, plástico.

Naquele ambiente glacial, o som dos fluidos escoando pelas mangueiras assemelhava-se ao do vento sul que encrespa o mar no inverno. Sentindo-se desprotegido mas ainda assim determinado, o técnico formulou seu último pensamento antes fazer o que tinha que fazer:

- Nervo Craniano Zero!

Apesar de saber o que era extremamente necessário fazer, ele não tinha a menor ideia de como fazê-lo! Não que nunca tivesse descamado uma tainha, aberto a barriga de um peixe-espada, destripado um robalo. O problema era que além de isso ter acontecido na sua adolescência, antes de parar de comer carne, a tarefa que havia proposto a si mesmo exigia um alto grau de precisão. Ou seja, cutucar o nervo certo era como cortar o único fio possível daquelas bombas dos filmes antigos.

Suspirou impaciente e, com a ponta de desespero que acompanha os foda-ses da vida, tomou sem nenhum cuidado a cabeça febril do Camarão. Tirou a coroa de eletrodos, dobrou a cabeça de maneira a encostar o queixo no peito, olhou brevemente a nuca e novamente hesitou.

Todas as pessoas, independente de religião, quando estão na beira do abismo, sendo requisitadas a tomar uma decisão difícil, sempre tentam dar chance a algum tipo de milagre ou aleatoriedade aguardando um ou dois segundos. E foi justamente o que aconteceu. No instante em que o técnico terminou de inspirar dolorosamente o ar gelado e seu corpo começava a produzir energia e desequilibrar a concentração de sódio e potássio nas membranas das suas fibras musculares, o comunicador que trazia no bolso gritou-lhe:

- Ele está morto!!

Deixou o canivete cair.

- Não. Como... Seu maldito desgraçado filho de uma tatuíra!

Largou a cabeça e pegou o comunicador.

- Como assim, o que ele fez agora?
- Como o que ele fez?! Ele morreu. É isso. Ponto.
- Mas o cara não pode se matar apenas pensando nisso!
- Já chequei, o Manual não traz nada sobre o assunto.
- E a CPU, voltou ao normal? Como tão xs outrxs processadorxs?

Olhou em volta buscando algum sinal que demonstrasse que os outros corpos estavam vivos.

- Não posso dizer ainda. Estou apagando essa merda de latim dos discos. O cara conseguiu até usar a rede para estropiar os servidores da Manetech. Eles estão vindo pra cá.
- Ai, caralho. Mas com esse cara morto, ou o projeto acaba, ou vão ter que sequestrar um PhD da universidade.
- Também não sei se isso resolve. Temos que agir com o que está na mão, agora. O tempo tá correndo e eu tenho uma ideia.

Na sala de controle, a técnica escrevia um novo código para sincronização de sinais com uma mão e com a outra alterava novamente a condição metabólica dxs usuárixs. Seus pensamentos se embaralhavam de maneira completamente ordenada:

- Tem que romper o dielétrico, aumentar a carga do campo... Analgésico, 1700mg, anti-histamínico, fosfolipase, inibidor de adrenalina, próximo. Ativar capacitores reservas, forçar ionização, cadê a constante de permissividade do vácuo?! $\epsilon_0 = 8,854187817 * 10^{-12} C^2 N^{-1} m^{-2}$, ahá!, achou que eu ia esquecer, hein? *for i=1:length(n) do...*

Tendo usado 7,8 segundos para criar, testar e debugar o novo aplicativo, agora já havia passado aproximadamente 35 segundos desde o suicídio do camarão. Enquanto isso, o técnico moveu a cadeira do defunto para perto dxs outrxs, reuniu e dispôs na região do peito exatamente 30 eletrodos.

- Vai!

A técnica ajustou a soma dos impulsos elétricos para 350 joules e apertou ENTER ↵

O morto dá uma sacudida ao mesmo tempo que toda a fiação começa a pegar fogo. Antes mesmo do técnico poder agir, o sistema automático contra incêndio ativa os chuveirinhos por todo o salão. Ele senta-se desolado e recolhe o canivete.

Logo em seguida, a porta da Sala de Controle se abre e os representantes da Manetech entram com suas caras sérias e inertes. Mesmo sem ter lido nenhum dos relatórios enviados ou ideia do que estava acontecendo, xs especialistas pedem para a técnica se retirar.

- Daqui pra frente nossxs engenheirxs vão tomar conta. Tais dispensada por hoje.